



JORNAL: Bahia Hoje

DATA: 24.02.94

CAD: Cidade da Bahia

PAG: 15

Assunto: Bairro (Calçada)

I EMPOBRECIMENTO

Calçada vive processo acelerado de decadência

Transformado em abrigo de todo tipo de mazela social, bairro não é nem a sombra do que foi um dia

GONÇALO JÚNIOR ♦ REPÓRTER

Largo da Calçada. Solitário no meio da praça, o monumento a Dias D'Ávila, um dos pioneiros da ferrovia na Bahia, está sujo. Na eterna pose imponente, D'Ávila assiste ao dia-a-dia da praça. Abaixo do busto, a estátua de bronze do atleta nu olha para o chão, cabisbaixa. Com ar pensativo, triste. Como se sentisse vergonha do ambiente que a cerca. Apontando o indicador da mão direita para o chão, parece ser a única a se preocupar com a situação do lugar. Poucos ousam se aproximar deles durante o dia. O insuportável odor de fezes e de urina, despejados durante a noite por moradores indesejáveis, afasta os transeuntes.

A alguns metros de distância, o luxo do prédio da Estação Ferroviária Leste, que liga a praça ao subúrbio com suas linhas de trem, mal pode ser visto. Perde-se entre uma favela de barracas e as bancas dos camelôs. Sua lateral serve apenas para abrigar mendigos, doentes mentais e menores assaltantes e prostituídos. A Calçada já não é mais a movimentada área comercial de Salvador faz tempo. Principalmente a partir do final da década de 70. O trânsito é confuso e quase sempre engarrafado, agravado pelo excesso de pontos de ônibus. E lixo, muito lixo.

O cenário não revela mais o corre-corre das compras nos antigos armazéns dos anos 40 e 50. Sem fugir à regra dos principais bairros da Cidade Baixa,

a Calçada também sofre um acelerado processo de decadência e empobrecimento e parece implorar por dias melhores. "O último grande momento que tivemos por aqui foi durante o Plano Cruzado, em 1986", diz Jaime Bolzas, proprietário do Brasil Hotel. Segundo ele, os principais problemas da área são a falta de iluminação e segurança, além do lixo. A escuridão, diz, permite a presença constante de marginais, afastando hóspedes e compradores.

Uma das principais testemunhas da Calçada de ontem e de hoje é o espanhol Manoel Oitaven Alvarez, 77 anos, 60 deles entre dois empregos na mesma praça. Ele culpa, em especial, a chegada dos supermercados na Bahia, nos anos 60. "Antes, famílias da Barra, Campo Grande e outras áreas da cidade vinham fazer compras nos grandes armazéns a varejo daqui e os supermercados acabaram com isso".

Outro motivo apontado por Alvarez é o fim da Calçada como terminal de ônibus e ponto de ligação entre bairros. Sem necessidade de descer na área, muitas pessoas passaram a fazer compras diretamente no centro da cidade e, mais recentemente, nos *shopping centers*. O que fazer, então, para melhorar? Sem qualquer integração das lojas, como nos *shoppings*, o jeito é cada um tentar investir em publicidade. É o que tem feito a Eletrobahia, onde Alvarez trabalha há 22 anos. "Com boas promoções, temos conseguido trazer gente de outras áreas".

JORNAL: Bahia Hoje
CAD: cidade da Bahia

DATA: 24-02-84
PAG: 15



28
SMCS
Secretaria de Comunicação Social

**PREFEITURA
DE SALVADOR**
TRABALHANDO PARA VOCE

Ambiente se torna violento à noite

Quando a noite cai, o Largo da Calçada dá espaço a um violento ambiente, ponto de sustentação de vítimas comuns da miséria. Principalmente menores infratores de rua, comandados por delinquentes de maior idade e que formam na praça um lucrativo ponto de assaltos e prostituição. São quase 40 garotos, a maioria meninas entre 13 e 17 anos e algumas de maior idade, levadas ao roubo e à prostituição por adultos que os vigiam o tempo todo.

A constatação foi feita pelo BAHIA HOJE, ao falar com algumas meninas que moram na praça. Quando começava a dar detalhes sobre prostituição infantil, uma menina de 13 anos foi arrastada por um homem jovem, aparentando mais de 20 anos. Enquanto isso, uma agressiva mulher com cerca de 20 anos e dois outros maiores cercaram o repórter alegando que ninguém ali tinha nada para falar. Furtos, assaltos à mão armada e prostituição noturna. Tudo acontece apesar da proximidade do posto do Juizado de Menores, instalado na estação há três anos, e do módulo policial.

As pequenas prostitutas, por sinal, se queixam bastante da atuação da polícia. "Alguns policiais do módulo adoram mandar a gente tirar a roupa com a desculpa de fazer uma revista e nos mandam roubar para eles", conta Baby, de 13 anos. Outra prática comum, segundo ela, são os chutes de botina de parte dos PMs plantonistas no lugar, recebidos após as apreensões por assalto.

Outro tipo de violência é contada por A.S., 12 anos, que mostra uma atadura enrolada na perna, vítima de queimadura por álcool. "Os barraqueiros costumam jogar álcool na gente ou enfiam papel entre nossos dedos e botam fogo, pela manhã". A.S. está na praça há algumas semanas. Sua mãe voltou para o interior e ela preferiu ficar na capital. "Banho? Só tomo na praia", conta ela, mostrando a pele ressecada pelo sal. Antes de começar a dar detalhes sobre como consegue comida, é abraçada maliciosamente por um rapaz que diz ter 18 anos e ser seu namorado. Ela tenta se livrar timidamente, mas a intimidade do agressivo rapaz revela algo a mais que um simples namoro.

Os abusos sexuais aplicados contra as meninas por seus musculosos protetores revolta até os vigias da Estação Leste. "É um absurdo, eles fazem o que querem e o Juizado não atua contra isso", diz um deles. Durante a conversa do repórter com algumas meninas, uma das adultas protetoras confirmou a prostituição. "Muitas aqui fazem isso, mas essas não", defende seu grupo.

Completam a paisagem noturna mendigos de toda a Cidade Baixa e moradores do subúrbio ferroviário disputam a segurança do velho prédio da Estação Ferroviária e a aparente proteção do módulo policial. Aos que por ali passam em busca de transporte após o dia de trabalho, o risco de assalto é evidente nos becos escuros. Contra eles, a violência de uma gangue de marginais, a maioria de menor e do sexo feminino.